



X Encontro Brasileiro de Administração Pública.  
ISSN: 2594-5688  
secretaria@sbap.org.br  
Sociedade Brasileira de Administração Pública

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO MÉDIO: análise comparativa entre alunos de escolas públicas e privadas**

**Armindo Dos Santos De Sousa Teodósio, Everthon Lopes Dos Santos, Dijana Helena Diniz Costa Vieira**

**[RELATO TÉCNICO] GT 12 Gestão social, poder local e desenvolvimento territorial**

# **EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO MÉDIO: análise comparativa entre alunos de escolas públicas e privadas**

## **RESUMO**

O presente estudo trata da Educação Financeira no ensino médio, e tem como objetivo geral estudar as diferenças entre alunos de uma escola privada, que possui uma disciplina de Educação Financeira em sua grade curricular e alunos de uma escola pública que não possui a disciplina em sua grade curricular. Em relação a metodologia, os dados foram coletados por meio de questionários semiestruturados e entrevistas, para a análise de dados foi realizado um estudo comparativo. Foi possível constatar que os alunos de escola privada que estudam educação financeira no ensino médio organizam suas finanças no dia a dia com maior frequência em comparação aos de escola pública, além de os alunos de escola pública se sentirem menos capazes de organizar suas finanças pessoais. Também se observou que os alunos de escola privada possuem um bom engajamento na disciplina de educação financeira.

**Palavras-chave:** Educação Financeira. Escolas. Ensino Médio. Finanças Pessoais.

## **INTRODUÇÃO**

A educação financeira é um tema extremamente importante para ter consciência sobre administração de renda, tomar decisões financeiras mais precisas e seguras, e ter um controle de gastos de acordo com sua renda (CHEN; VOLPE, 1998 apud Silva; Silva; Vieira; Desiderati; Neves, 2017). No entanto, a grade curricular da maioria das escolas brasileiras não inclui a disciplina Educação Financeira. Segundo os dados da Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF Brasil) citados no jornal Estadão (2019), no sudeste do Brasil apenas 20% das escolas trabalham o conteúdo de Educação Financeira, essa porcentagem de escolas se mostra ainda menor nas regiões Nordeste, com somente 8% e Centro-Oeste, com 7%.

De acordo com a Corporação Britânica de Radiodifusão - BBC (2017), o estudo “*Results from PISA 2015*” realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) revelou que mais da metade dos alunos brasileiros não possuem conhecimento básico sobre educação financeira e administração de renda. A pesquisa ainda apontou que o Brasil teve o pior resultado no teste de cultura financeira, tendo somente 3% dos estudantes atingindo o nível cinco (5) do teste, que é o nível de maior conhecimento na área. Uma das razões principais do tema Educação Financeira não estar oficialmente incluído nas grades curriculares, é devido à falta de preocupação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em inseri-lo no ensino (CARVALHO, SCHOLZ, 2018).

Segundo Brutes e Seibert (2014), pode-se perceber uma ausência da educação financeira no cotidiano das pessoas, uma vez que elas, em sua maior parte, possuem dívidas e outros problemas relacionados a finanças. Ainda segundo os autores, nota-se que, grande parte dos

jovens não aprende sobre esse tema nas escolas, com isso seguem os mesmos padrões financeiros de seus pais, que também não possuem entendimento sobre o tema. Souza (2012,) complementa que, a educação financeira não é sobre ensinar seu filho a somente juntar ou acumular dinheiro, e sim, ensinar sobre a forma correta de utilizar o dinheiro em busca de uma vida melhor.

De acordo com Jacoby e Chiarello (2016), é imprescindível que os jovens aprendam o mais cedo possível sobre Educação Financeira, e não somente na escola ou na família, mas também virtualmente, por meio das mídias digitais. Essas mídias possuem grande influência sobre a população em geral, principalmente na população mais jovem, o que faz desse tipo de mídia um importante multiplicador de informações. Jacoby e Chiarello (2016) informam também que diversos *blogs* voltados para a Educação Financeira têm ganhado muita relevância nos últimos tempos, atingindo um grande público que tem interesse no tema e procuram informações sobre ele na internet.

Considerando esse cenário, o presente estudo, pretende responder a seguinte pergunta: “Quais os efeitos da Educação Financeira para os alunos que a usufruem, e que não usufruem durante o Ensino Médio?”. Para atingir os objetivos e responder à pergunta de pesquisa foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso comparativo.

## **EDUCAÇÃO FINANCEIRA**

A educação financeira de acordo com a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico - OCDE (2005 apud Silva, Silva Neto, Araújo, 2017) pode ser definida como a atividade em que investidores e consumidores entendem melhor os riscos financeiros, aumenta o entendimento relacionado a produtos, a conceitos financeiros e demais informações sobre finanças, o que os leva a tomar decisões com maior segurança e confiança. A educação financeira possui ligação com o planejamento de aposentadoria do indivíduo. De acordo com Lusardi e Mitchell (2007 apud Silva; Silva; Vieira; Desiderati; Neves, 2017, pág. 283), "educação financeira e planejamento para a aposentadoria são termos relacionados, logo, o hábito de poupar dos indivíduos estaria intimamente ligado a uma maior educação financeira".

Para Fiori *et al.* (2017), o conhecimento sobre educação financeira, leva a uma grande melhora do controle e organização das finanças pessoais dos cidadãos. Isso porque impacta diretamente em uma redução do endividamento pessoal, que de acordo com Carraro e Merola (2018, pág. 414) parte dele “provém da falta de planejamento e controle orçamentário das

famílias brasileiras e a Educação Financeira é um elemento fundamental para melhorar a organização financeira”.

Desse modo, a falta do estudo sobre Educação Financeira é nítida quando se observa os problemas gerados pela pouca propagação de estudos relacionados à educação financeira, como o descontrole no uso do crédito, empréstimos tomados com pouco estudo prévio sobre a taxa de juros, entre outros (Minella, Bertosso, Pauli, Corte, 2017).

Segundo Mette (2016), um país que busca desenvolvimento e crescimento de maneira sustentável em longo prazo deve ter como um dos pilares essenciais a educação e o crescimento da renda dos indivíduos de forma eficaz. Em suma, não adianta apenas distribuir renda para a população se não lhes foi ensinado às formas de se mantê-la ou de usá-la de maneira eficiente.

Savoia, Saito e Santana (2007) destacam que o tema da educação financeira virou uma grande preocupação em vários países, o que levou a um aprofundamento em estudos do tema. Porém, os autores destacam que existem várias críticas relacionadas à abrangência e aos resultados dos programas de educação financeira, mas apesar disso, sua importância se mantém indiscutível.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

O método utilizado para análise dos dados foi o método comparativo, que é feito com a investigação de indivíduos, classes, fatos ou fenômenos, com o objetivo de mostrar as diferenças e semelhanças entre eles (GIL, 1999). Para obtenção dos dados do levantamento foram realizadas entrevistas com professores e foram veiculados dois questionários semiestruturados (Apêndice C e D) que foram aplicados via *Google Forms*. Cada entrevista teve um roteiro específico. O primeiro roteiro de entrevista foi voltado ao professor da disciplina de Educação Financeira na escola privada, com perguntas feitas sobre as aulas, o engajamento dos alunos, os temas abordados dentro da disciplina, os desafios em abordar o tema em sala de aula, entre outros, e o segundo roteiro de entrevista foi voltado à professora da disciplina de Matemática da escola pública, indagando-a sobre se os alunos demandavam por essa disciplina, se ela incluía o tema durante as aulas, se os alunos chegavam com algum conhecimento sobre o tema, sobre o interesse das escolas em incluir o tema de educação financeira na grade curricular, entre outros. Os dois roteiros eram compostos por 10 perguntas.

Optou-se por manter o anonimato dos professores e por isso, foi criada uma identificação para cada um, E1 para a Escola Privada e E2 para a Escola Pública.

Os questionários eletrônicos foram estruturados com base no referencial teórico e também com uma linguagem simples para que os alunos compreendessem. Eles eram compostos de 40 perguntas, entre elas perguntas fechadas e perguntas de escala semântica com 5 pontos, sendo o ponto 1 a opção de “discordo totalmente”, o ponto 3 a opção de “neutro” e o ponto 5 a opção de “concordo totalmente”. Ambos os questionários foram voltados para alunos do ensino médio, sendo o primeiro aplicado para os alunos de escola privada e o segundo para os alunos de escola pública. Ressalta que os questionários são antagônicos, para que seja possível comparar os efeitos da Educação Financeira para os alunos de ambas as escolas, isso é, os impactos gerados para os alunos ao estudar ou não esse tema nas escolas.

Nos dois questionários realizados na plataforma *Google Forms*, as perguntas foram respondidas por alunos do ensino médio da escola privada, sendo que houve 34 respondentes, e da escola pública, onde houve 35 respondentes. Referente ao perfil dos respondentes, na escola privada eram, em sua maioria, mulheres, 70,6%, na faixa etária entre 14 à 19 anos, 100%, que cursam o segundo ano do ensino médio, 44,1%, e que não estão trabalhando ou estagiando, 76,5%. Na escola pública, os respondentes eram, em sua maioria, homens, 51,4%, na faixa etária entre 14 à 19 anos, 100%, cursando o primeiro ou segundo ano do ensino médio, respectivamente 34,3%, que em sua maioria estão trabalhando ou estagiando, 57,2%.

## **ANÁLISE DOS DADOS**

A Escola X é uma escola pública que se localiza na cidade de Betim, no bairro Industrial São Luiz, que foi criada em 1986. Ela possui turmas do ensino fundamental, ensino médio, e Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo que no ensino médio possui em média 350 alunos matriculados, funciona nos turnos da manhã, tarde e noite. A escola não possui uma disciplina de Educação Financeira em sua grade curricular.

A Escola Y é um colégio particular que foi inaugurado em 1903, onde em 1909 foi transferido para o que se tornou sua sede definitiva, no bairro Floresta. A unidade que a pesquisa foi realizada é a Unidade Betim, que se localiza na cidade de Betim. A unidade Betim iniciou

suas atividades em fevereiro de 2013. Possui em média 120 alunos matriculados no Ensino Médio, onde eles possuem uma disciplina de Educação Financeira em sua grade curricular.

Os questionários aplicados para os alunos do Ensino Médio das escolas X e Y foram separados por blocos, sendo eles: Finanças pessoais no dia a dia, Educação Financeira na Escola, Impacto da Educação Financeira na sua vida, Impacto da Covid-19 em sua vida financeira, Finanças na sua vida após se formar, e por fim as informações sobre o respondente. Considerando essa mesma divisão dos questionários e que o intuito da pesquisa é comparar os efeitos da presença e a ausência da disciplina Educação Financeira, os dados serão analisados em conjunto. Paralelamente também serão expostos e analisados os dados coletados nas entrevistas.

As duas primeiras perguntas do primeiro bloco questionavam ao respondente se ele organiza suas finanças no dia a dia, e se sim, como ele costuma anotar seus gastos.

Foi possível observar que existe uma diferença entre a amostra, onde 35,3% não organiza suas finanças do dia a dia, enquanto 32,3% se organizam financeiramente no dia a dia. Além disso, 5,9% dos respondentes organizam pouco suas finanças no dia a dia e 26,5% responderam que se organizam as vezes. O relato do entrevistado E1 quando questionado sobre se os alunos chegam na disciplina já com algum conhecimento sobre Educação Financeira diz que:

“[...] é completamente heterogêneo, tem aquelas pessoas que são completamente leigas, assim que... que o pai e a mãe que paga tudo, a pessoa não tem nem noção de preço, não... não mexe com dinheiro, não lida com dinheiro de maneira nenhuma [...] num ganha mesada, nunca fez uma compra, então tem aqueles alunos que são completamente alienados e alheios a qualquer conceito que envolve é... planejamento e investimento, organização, nada. Em compensação, tem aqueles alunos que é a galera que já tá pesquisando sobre isso e que já vê lá o vídeo do Thiago Nigro, da... da Nath Finanças, do Me Poupe, é... galera que segue os influencers aí, que vem me perguntar sobre a Bitcoin “E aí fessor, cê investe em Bitcoin? Vi uma propaganda assim, assado...” então nesse aspecto não tem definido não, é completamente heterogêneo [...]”. (relato do entrevistado E1)

Pelos dados coletados pode-se observar que, apenas 8,6% da amostra sempre se organiza financeiramente, e 20% se organiza financeiramente as vezes, além disso, 48,6% da amostra organiza pouquíssimo as suas finanças e 8,6% não se organizam financeiramente. Isso pode ter relação com o fato de que eles recebem muito pouco ou não recebem informações sobre Educação Financeira na escola. A entrevistada E2 ao ser questionada sobre a abordagem de temas

dentro da disciplina de matemática, relatou que temas financeiros são muito pouco abordados no ensino médio e fundamental, no máximo veem temas sobre juros simples e compostos dentro da matéria de matemática, mas não se estende para temas voltados para educação financeira.

No que diz respeito às ferramentas utilizadas para organização financeira, tem-se que 23,4% da amostra anota seus gastos em aplicativos, seja ele voltado para organização financeira, seja *WhatsApp* ou Notas do celular. O gráfico também mostra que 41,2% da amostra não costumam anotar seus gastos, essa informação vai de encontro com a obtida no gráfico 1, onde é visto que 35,3% dos respondentes não se organizam financeiramente e 5,9% se organizam muito pouco.

Já na pergunta 4, foi visto que a maior parte da amostra, 60%, não costuma anotar seus dados, isso é coerente com o que é mostrado no gráfico 2, onde grande parte da amostra não se organiza financeiramente no dia a dia. Na parte da amostra que utiliza ferramentas para organização financeira, 31,4% utiliza aplicativos para realizar esse controle.

Pelos dados coletados é notável que existe uma variação, mas é possível observar que 38,2% da amostra sempre se planeja antes de realizar uma compra, também é visto que apenas 2,9% dos respondentes não se planejam, e 8,8% se planejam pouco antes de realizar uma compra. Já no gráfico 6, pode-se observar que 31,4% da amostra sempre se planeja antes de realizar um compra, além disso, ainda segundo o gráfico 6, é visto que 31,4% da amostra se planeja antes de realizar a maioria de suas compras. Também é observado no gráfico 6 que 0% da amostra nunca se planeja antes de realizar uma compra e que 8,6% se planejam pouco.

Pode-se observar que há um resultado um pouco maior de respondentes que se planejam apenas as vezes antes de realizar uma compra em comparação ao gráfico 5, porém nos dois gráficos citados há uma maior incidência de respondentes que se planejam muito ou sempre antes de realizar uma compra.

Os dados coletados revelam que 52,9% dos alunos da escola privada possuem conta bancária digital e 14,7% em bancos tradicionais. Pode ser observado também que 5,8% da amostra possui contas em bancos digitais e também em tradicionais e que 26,5% não tem conta bancária. Ao analisar a pergunta 8, foi visto que nenhum respondente possui conta em bancos tradicionais, 82,9% da amostra possui conta em um banco digital, e 17,1% não possui conta bancária.

Essa maior incidência de contas em bancos digitais vista, pode se dar pelo fato de que os bancos digitais estão cada vez mais populares, principalmente entre as pessoas mais jovens e também pelas facilidades ofertadas em seus serviços. Mackenzie (2015 *apud* Mascarenhas, Perpétuo, Perides, 2021) diz que algumas aplicações das *fintechs* propõe menores custos de transação para seus usuários quando comparadas as aplicações de bancos tradicionais.

Os dados coletados pela pesquisa mostram que 67,6% da amostra não possui cartão de crédito e 32,4% possuem. Em relação a posse de cartão de crédito dos respondentes da escola pública, o gráfico 10 expôs que 57,1% deles possuem cartão de crédito e 42,9% não.

Constatou-se que 55,9% da amostra não utiliza cartão de crédito, 14,7% da amostra utiliza pouco e 26,5% utiliza às vezes. Portanto, o gráfico revelou um baixo uso do cartão de crédito entre os alunos da escola privada. O relato do entrevistado E1 quando questionado sobre se os alunos chegam com alguma bagagem sobre educação financeira ou se é algo novo para eles:

“[...] tem aquelas pessoas que são completamente leigas, assim que... que o pai e a mãe que paga tudo, a pessoa não tem nem noção de preço, não... não mexe com dinheiro, não lida com dinheiro de maneira nenhuma, tipo assim: “Tudo que eu preciso eu peço meu pai, é... em casa eu não tenho nenhum tipo de responsabilidade com... com guardar dinheiro, com...” num ganha mesada, nunca fez uma compra, então tem aqueles alunos que são completamente alienados e alheios a qualquer conceito que envolve é... planejamento e investimento, organização, nada.” (relato do entrevistado E1)

Observa-se que há uma grande variação de dados, sendo que 31,4% não utilizam o cartão de crédito e respondentes que o utilizam as vezes. Foi constatado que os respondentes da escola pública utilizam com mais frequência o cartão de crédito. Somente 2,9% dos alunos da escola privada utilizam o cartão de crédito em uma maior frequência, um percentual bem abaixo em relação aos 20% dos alunos da escola pública que o utiliza em uma maior frequência e 5,7% que utiliza sempre. Isso vai de encontro com o que é defendido por Minella, Bertosso, Pauli, Corte (2017), que afirmam que a falta de estudo sobre educação financeira fica nítida quando são observados problemas relacionados ao descontrole no uso do crédito.

De acordo com a pesquisa, 13, 52,9% da amostra não tem preferência em realizar compras parceladas, e somente 17,7% optam por essa opção de pagamento. Foi possível observar que a maior parte da amostra prefere realizar suas compras parceladas (48,6%) e que 28,6% as vezes compram parcelado.

Em conformidade com os resultados obtidos, pode-se notar que os respondentes de escola pública estão mais propensos ao endividamento do que os alunos de escola privada, isso vai de encontro com o que é defendido por Fiori *et al.* (2017), que diz que o conhecimento sobre educação financeira impacta de forma direta na redução do endividamento pessoal.

Quanto a quem faz o pagamento das faturas do cartão de crédito, a pesquisa revelou que a maior parte não possui cartão de crédito, mas para aqueles que possuem geralmente são os pais (38,2%). Apenas 5,9% dos alunos são os responsáveis pelo pagamento das suas despesas do cartão de crédito. No que tange aos alunos de escola pública, o gráfico 16 revela que 62,9% dos alunos fazem o pagamento de suas próprias despesas e 31,4% da amostra o pagamento é realizado por seus pais.

É válido ressaltar a diferença entre o uso do cartão de crédito. A porcentagem da amostra que não utiliza cartão de crédito é de 2,9%, já no gráfico 15 essa porcentagem de não uso do cartão de crédito é de 52,9%.

Em relação aos impactos da pandemia do Covid-19 nas aulas, a entrevistada E2 falou em seu relato sobre os problemas financeiros dos alunos da escola pública.

“[...] outra coisa que a gente tem problemas na esfera da escola pública é a questão financeira, nossos alunos eles não tem recursos, as pessoas não tão tendo nem o que comer, o aluno não tem as vezes internet, não tem celular [...]” (relato da entrevistada E2)

Infere-se com essa informação que muitos alunos por terem poucos recursos financeiros optam por formas de pagamento a prazo, para que o valor da fatura seja em um valor mais baixo, utilizando com maior frequência o cartão de crédito.

Os dados coletados mostram que 41,2% dos alunos estão neutros em relação a satisfação sobre sua situação financeira atual. Já 32,4% deles estão satisfeitos e 8,8% totalmente satisfeitos. Apenas 11,8% da amostra estão insatisfeitos com suas condições financeiras atuais e 5,9 estão pouco satisfeitos. A fala do entrevistado E1 quando questionado sobre as dificuldades para abordagem da educação financeira em sala de aula, diz que:

“[...] eu trabalho numa escola particular, onde... tem ali uma classe média, um ou outro aluno bolsista de classe média-baixa, mas tem uma parcela de alunos também de classe média-alta que cara, falar com eles de economia ou sobre salário mínimo é falar sobre o que eles gastam, as vezes, num final de semana sabe? Ou num presente que ganhou do pai e... e aí é algo que pra alguns desses alunos, tem o desafio de você...

alcançar a realidade deles que... que tem uma galera que tá meio fora da realidade do brasileiro médio assim.” (relato do entrevistado E1)

Pode-se observar que 65,7% dos respondentes não estão satisfeitos com sua situação financeira atual e que 28,6% são neutros em relação a isso. Somente 2,9% dos respondentes estão completamente satisfeitos. E também 2,9% da amostra está consideravelmente satisfeita em relação a sua situação financeira atual. A entrevistada E2 ao ser questionada sobre as mudanças previstas para o ensino médio da escola pública, ressaltou as dificuldades sociais dos alunos:

“[...] o nosso aluno pobre, de periferia, ele não quer estudar o dia inteiro, ele quer trabalhar meio horário porque de tarde ele tem que ir ali vender uma água no sinal pra comer no outro dia, se não tiver uma remuneração pro aluno estudar eles não vão querer ficar na escola o dia inteiro, vai aumentar a evasão, não adianta querer prender o aluno na escola o dia inteiro se não remunerar ele, porque o nosso aluno num outro período ele tá em uma correria já pra ganhar dinheiro pra ajudar em casa [...]” (relato da entrevistada E2)

Os resultados obtidos nos gráficos e nos relatos vão de encontro com o que é dito por Leite, Duarte (2003), que dizem que a situação socioeconômica do aluno é o ponto que mais tem relação com seu desempenho escolar.

Os dados coletados mostram que 52,9% dos alunos da escola privada se sentem capazes de administrar suas finanças pessoais e 5,9% se sentem totalmente capazes. Ainda analisando o gráfico, é visto que somente 8,8% da amostra não se sente capaz de administrar suas finanças pessoais. O relato do entrevistado E1 sobre os alunos que já possuem entendimento sobre o tema e os que estão em seu primeiro contato diz que:

“[...] se a turma for de 40 vão ter aqueles três, quatro, que... que eu tô dando aula e o cara tá completando o que eu to falando, tudo que eu to falando ele já sabe, na outra ponta tem aqueles três, quatro que são completamente alheios e entre esses extremos tem aquele que já trabalha no final de semana e guarda um dinheiro e fala “Ah professor eu tenho conta é... que... que eu... eu investi no CDB tal” e o outro fala “Ah que que é CDB?”, é... outro guarda no cofrinho, é... bastante heterogêneo assim [...]” (relato do entrevistado E1)

Outra pergunta do questionário mostra que 40% da amostra se encontram um meio termo se sabem ou não administrar suas finanças pessoais e 25,7% da amostra não se consideram capazes. Além disso, somente 8,6% da amostra se sente capaz de administrar suas finanças

peçoais. Ao comparar os resultados obtidos nesses dois gráficos, observa-se que os alunos de escola pública se sentem menos capazes de administrar suas finanças pessoais em relação aos de escola privada.

Dados coletados mostram que 24,9% dos respondentes não fazem compras sem planejamento prévio. Além disso, 47,1% quase nunca fazem compras sem se planejar anteriormente. Também é visto que 5,9% as vezes planejam e que 17,6% não planejam as suas compras com antecedência.

Observou-se que 31,4% da amostra raramente faz compras sem planejamento prévio e 28,6% nunca compram sem se planejar previamente. Ainda segundo o gráfico 22, é visto que 8,6% da amostra não se planeja antes de nenhuma compra, e 14,3% se raramente se planejam, além disso, é visto que 17,1% dos respondentes às vezes se planejam com antecedência.

O entrevistado E1 ao ser questionado sobre como surgiu seu interesse em lecionar educação financeira diz que:

“Então eu cresci nesse ambiente de viver um dia após o outro, ganhar o hoje pra garantir o de hoje e amanhã eu preocupo com o amanhã... esse negócio de fazer planejamento financeiro, guardar dinheiro, é um conceito que ... mal mal tem dinheiro pra pagar as contas, imagina guardar dinheiro pensando no futuro... esse é um conceito que durante 10, 15 anos, quase 20 anos da minha vida ele passou completamente é... é... é... negligenciado pelas... pelas pessoas que eu tive contato, meus pais que me criaram e na escola também é, educação financeira nas escolas é algo muito muito muito recente.” (relato do entrevistado E1)

Segundo Kruger (2014) e Júnior e Schimiguel (2009), a educação financeira leva os indivíduos a tomarem decisões financeiras com uma precisão maior, pois se planejarão antes de chegar a uma decisão. Melo (2011 apud Carraro; Merola, 2018) diz que o ideal para as crianças é que a educação financeira comece em casa, com os pais.

Relacionado à frequência em que os familiares falam sobre organização de renda, é visto no gráfico 23 que o resultado ficou mais variado, 32,4% da amostra conversa sobre organização de renda com os familiares com pouca frequência, e 23,5% não conversam sobre organização de renda com os familiares. Porém, ainda observando o gráfico 23, é visto que 23,5% da amostra conversa com maior frequência sobre finanças com os familiares e 11,8% conversam com muita frequência.

É possível observar que o resultado no geral seguiu um padrão, no qual 42,9% da amostra não conversa sobre organização de renda com seus familiares 31,4% conversam bem pouco sobre isso. Ainda segundo o gráfico, 17,1% da amostra conversa com maior frequência sobre organização de renda com seus familiares e 2,9% sempre conversam sobre o tema. Segundo Brutes e Seibert (2014), muitos jovens por não aprenderem sobre educação financeira na escola acabam replicando a mesma forma que seus pais, que geralmente também não conhecem o tema, utilizam o dinheiro.

O segundo bloco traz perguntas sobre a Educação Financeira na escola, falando sobre a frequência que o tema é abordado e sobre o aprendizado dos respondentes. Pode-se observar uma grande diferença entre os resultados obtidos no gráfico 25 e no gráfico 26. A grande maioria da amostra diz que o tema de Educação Financeira é abordado com grande frequência na escola particular, já no gráfico 26 é visto que a maior parte da amostra diz que o tema nunca é abordado na escola pública. Ao ser questionada sobre a abordagem de temas de educação financeira no ensino médio da escola pública, a entrevistada E2 relatou que o tema é muito pouco abordado durante o ensino fundamental e médio, que no máximo veem temas sobre juros simples e compostos dentro da matéria de matemática, mas não se estende para temas voltados para educação financeira.

O entrevistado E1 ao ser questionado sobre como ele vê o futuro da educação financeira nas escolas, diz que:

“[...] no caso das escolas públicas é algo ainda muito insipiente né cara, assim... infelizmente é algo que ainda tá muito engatinhando, como você comentou, as vezes fala-se de Educação Financeira quando cê tá dando aula lá de matemática, aí o professor na hora de falar sobre juros simples, juros compostos ele fala um pouquinho lá sobre investimentos e tal e... isso morre lá em duas aulas, uma semana e tal, é muito pouco né? Não é suficiente pra uma pessoa se educar financeiramente [...]” (relato do entrevistado E1)

Isso vai de encontro com o que é dito por Carvalho e Scholz (2019), que dizem que atualmente as escolas brasileiras têm grandes dificuldades em abordar e implementar disciplinas financeiras em sua grande curricular, e que também existem barreiras para abordar temas financeiros dentro de disciplinas que tem espaço para falar sobre finanças.

Existe uma grande diferença entre as respostas obtidas em cada um dos gráficos, visto que 44,1% da amostra diz que temas do dia a dia financeiro são abordados nas disciplinas da escola

privada, já é possível observar que 48,6% da amostra diz que não há aprofundamento em temas sobre finanças do dia a dia nas disciplinas da escola pública.

É interessante citar que 37,1% da amostra diz que temas de finanças do dia a dia são abordados com pouca frequência na escola pública, ainda com base no gráfico 28, é possível observar que 11,4% da amostra diz que esses temas abordados com frequência mediana e 2,9% da amostra diz que é abordado com muita frequência.

A disciplina que mais se aprofunda em temas do dia a dia financeiro é a de Matemática, seguida pela de Sociologia e Português. Isso vai de encontro com o que é dito por uma entrevistada na pesquisa de Carvalho e Scholz (2019), que diz que por conta da grande quantidade de conteúdo que deve ser trabalhado na matemática, se chega na matemática financeira somente no último trimestre do terceiro ano do ensino médio, e é visto somente o básico quando a turma rende.

Constatou-se que 94,3% da amostra acredita totalmente que deveria ser incluída uma disciplina de Educação Financeira na grade curricular da escola pública, e 5,7% da amostra também demonstra interesse sobre a inclusão da disciplina. Isso vai de encontro com o objetivo da BNCC, que trará temas financeiros de maneira mais recorrente na grade curricular da escola pública (BNCC, 2018).

O relato da Entrevistada E2 ao ser questionada sobre o interesse das escolas e do governo em incluir temas e/ou disciplinas de Educação Financeira na grade curricular diz que:

“[...] agora com a BNCC, os livros estão bem diferentes, agora pro cê ter uma ideia, eu escolhi um livro aqui, não trabalhei com ele ainda, que é pro próximo ano, matemática aplicada as ciências sociais, então lá, além da matemática financeira, começa ver um pouco da matemática dentro da geografia, a questão do PIB, a questão do país mesmo, o que que faz a questão da inflação, entendeu? Agora tem uma outra matéria, não sei como vai ser isso, mas eu tive que escolher um livro, além do de matemática, que chama matemática aplicada dentro das ciências sociais, então é a questão que você vai começar ver, tipo assim, de onde que vem a inflação [...]” (relato da entrevistada E2)

Com isso, a escola pública deve abordar temas financeiros com mais frequência, pois há uma maior disponibilidade de livros que abordam finanças para a escolha dos professores, o que é interessante pois grande parte da amostra tem muito interesse na inclusão de disciplinas financeiras na grade curricular.

Pode-se observar que 38,2% da amostra diz que sua vida financeira mudou muito após ter contato com disciplinas de Educação Financeira, e 14,7% diz que sua vida financeira mudou totalmente. O que vai de encontro com o que é dito por Lima e De Sá (2010); Theodoro (2010); De Souza (2012) (apud Carvalho; Scholz, 2019), que dizem que ensinar educação financeira para jovens é algo fundamental, pois ao chegarem na sua fase adulta conseguirão se organizar e usar sua renda de maneira consciente.

Foi possível observar que o resultado foi bem heterogêneo, sendo importante destacar que apenas 8,8% da amostra possuía muito entendimento sobre finanças pessoais antes de chegar ao ensino médio, porém, ainda observando o gráfico 32, o restante das respostas foi bem equilibrado, entre respondentes que não possuíam nenhum entendimento sobre o tema e respondentes que possuíam um entendimento mediano. Isso vai de encontro com o que foi dito no relato do entrevistado E1, que diz que nas turmas existem alunos que entendem muito sobre o tema, e chegam a completar suas frases durante as aulas, mas paralelo a isso, existem alunos que chegam completamente leigos na disciplina.

Em outra pergunta do questionário não existe o mesmo equilíbrio, é visto que a maior parte da amostra, 42,9%, não possuía nenhum entendimento sobre finanças pessoais antes de chegar no ensino médio, e 37,1% possuía muito pouco entendimento, um ponto interessante é que 0% da amostra respondeu que possuía muito entendimento sobre o tema.

Jorgensen e Savla (2010, apud Magro *et al.* 2018) dizem que o ensino sobre temas financeiros para as crianças vêm sendo uma função de seus pais, mas muitos deles não possuem o conhecimento e as habilidades ideais para ensiná-las, e isso vai de encontro com os resultados obtidos nos gráficos 32 e 33, onde é possível observar um paralelo muito interessante, na escola privada por mais que o tema seja abordado com maior frequência no ensino médio, uma boa parte dos alunos já chega com ao menos um entendimento básico sobre o tema, já na escola pública a grande maioria chega com muito pouco ou sem entendimento algum sobre o tema.

Observou-se uma importante diferença entre os resultados das duas escolas, no gráfico 34 é visto que a grande maioria dos respondentes da escola privada aprenderam muito sobre finanças pessoais ao chegar no ensino médio, com 41,2% dos respondentes, 29,4% dos respondentes também aprenderam bem sobre o tema. É interessante ressaltar que 11,8% da amostra não aprenderam sobre finanças pessoais ao chegar no ensino médio, alguns fatores para isso pode ser que por conta de vários respondentes estarem no primeiro ano do ensino médio, outro fator que

pode explicar isso é o fato de que as aulas foram realizadas de forma virtual por conta da pandemia da COVID-19, como dito no relato do entrevistado E1 ao ser questionado sobre o impacto da pandemia em suas aulas:

“[...] então assim, é... esse diálogo é... eu valorizo muito nas aulas e isso no remoto foi bastante prejudicado né? Porque... tem aqueles alunos que participam, abre o microfone, um ou outro, muito raramente abre a câmera, então a gente tem que fazer um esforço muito grande, um jogo de cintura muito grande pra aula não virar um monólogo, eu... eu abrir a chamada aqui e ficar 50 minutos falando na cabeça do menino que eu sei que isso não vai ser produtivo. (relato do entrevistado E1)

Foi possível observar basicamente o caminho contrário ao visto na pergunta 34, é visto que 65,7% dos respondentes não aprendeu sobre finanças pessoais ao chegar no ensino médio e 17,1% aprendeu muito pouco sobre o tema, apenas 2,9% da amostra diz que aprendeu muito sobre finanças pessoais, isso pode ter relação com a pergunta 29 do questionário, na qual alguns respondentes responderam com algumas disciplinas que abordam o tema.

Mesmo com alguns pontos fora da curva, é possível observar uma grande disparidade entre os resultados obtidos pela pesquisa, isso se dá pelo fato da escola privada possuir uma disciplina de Educação Financeira na grade curricular do ensino médio, algo que não existe na escola pública.

Relacionado ao primeiro contato com a Educação Financeira na escola foram obtidos alguns resultados interessantes, na pergunta 36 do questionário é visto que a grande maioria dos respondentes, 88,2%, teve esse primeiro contato no ensino médio, o que tem relação com o gráfico 34, onde a grande maioria também respondeu que aprendeu muito sobre educação financeira no ensino médio.

Na pergunta 37 do questionário é visto que 77,1% da amostra nunca teve contato com Educação Financeira na escola, e 22,9% da amostra disse que teve o primeiro contato em uma palestra ou evento da escola. É importante ressaltar que esse resultado conflita com o resultado obtido no gráfico 29, pois de acordo com o resultado do gráfico 37, nenhum respondente teve o primeiro contato em alguma disciplina do ensino médio, isso pode se dar pelo fato da abordagem do tema dentro de outras disciplinas na escola pública ter sido bem superficial, e possuindo muito pouco aprofundamento e destaque.

O relato da entrevistada E2 quando questionada sobre a abordagem de temas financeiros do dia a dia e também se os alunos chegam sabendo algo sobre o tema no ensino médio diz que:

“Não, e sai também sem, entra e sai sem. Nem eu sei! Nem eu sei! Se cê mandar eu aplicar meu dinheiro eu não sei aplicar meu dinheiro, nem eu tenho formação pra isso [...]” (relato da entrevistada E2)

Outro ponto interessante relatado pela entrevistada E2 é relacionado ao treinamento para abordagem sobre temas financeiros, o relato da entrevistada E2 diz que:

“Igual to te falando do meu curso de matemática, eu não tive matemática financeira, eu tive muito cálculo, nosso curso é muito voltado na base da engenharia, parte financeira deixou a desejar, eu tinha uma professora no meu curso que era professora de matemática financeira do... da administração, mas a gente não tinha na grade essa disciplina.” (relato da entrevistada E2)

Pode-se observar que na escola pública os alunos raramente tem contato com temas de finanças pessoais, e um dos motivos é que os próprios professores de matemática, disciplina que tem relação com o tema, não receberam um treinamento adequado sobre o tema para abordá-los em sala de aula.

Sobre começar se organizar financeiramente durante o ensino médio, é visto no gráfico 38 que a grande parte dos respondentes, 45,7% da amostra, não começou a se organizar financeiramente durante o ensino médio, porém, é relevante ressaltar que 20% da amostra diz que começou a se organizar de maneira mediana e 17,1% começou a se organizar de maneira mais constante durante no ensino médio.

No que diz respeito à escola privada, são vistos alguns resultados interessantes, como o fato de que 20,6% da amostra não começou se organizar financeiramente somente após estudar a disciplina de Educação Financeira, além disso, pode-se observar que grande parte da amostra, 29,4%, diz que começou a se organizar pouco após ter a disciplina na escola, e 20,6% da amostra começou a se organizar de maneira mais constante somente após ter contato com a disciplina.

Porém, é necessário ressaltar que a pergunta 39 é referente a começar a se organizar somente após ter contato com a disciplina de Educação Financeira, os resultados podem ser explicados pelo pela pergunta 32 também, que é sobre possuir entendimento de finanças pessoais antes de chegar ao ensino médio dos respondentes da escola privada, onde é visto que existe uma heterogeneidade entre os alunos que já chegaram no ensino médio sabendo sobre educação

financeira e alunos que não sabiam, logo os resultados do gráfico 39 podem se dar por parte dos respondentes já se organizarem financeiramente antes chegarem ao ensino médio.

O terceiro bloco traz perguntas sobre o Impacto da Educação Financeira na vida dos respondentes.

Pode-se observar que 47,1% da amostra diz que houve muita alteração na forma que fazem compras após estudarem Educação Financeira, e 11,8% da amostra diz que alterou completamente a forma em que fazem compras, também é interessante citar que 17,6% da amostra diz que houve pouca alteração e somente 2,9% diz que não houve alteração alguma na forma em que ele faz compras.

Pode-se observar que os resultados ficaram bem variados, com 26,5% da amostra dizendo que não conversa sobre educação financeira com amigos e familiares que desconhecem o tema, e 23,5% dizendo que conversa muito pouco, ainda segundo o gráfico 41, é visto que 29,4% da amostra diz que conversa sobre o tema com uma maior frequência, e 5,9% diz que sempre conversa com amigos e familiares sobre educação financeira. Essa variedade nas respostas pode se dar pelo que foi dito no relato do entrevistado E1, que diz que nas turmas existem alunos que já chegam dominando o tema, por aprenderem em casa, com os familiares, e outros que o desconhecem totalmente.

Na pergunta 42, é visto que grande parte dos respondentes não conversam sobre educação financeira com seus amigos e familiares, com 48,6% da amostra, além disso, é possível observar que 17,1% da amostra conversa muito pouco sobre o tema, e somente 5,7% diz que sempre conversa sobre o tema com familiares e amigos. Isso pode se dar pelo fato de verem muito pouco sobre educação financeira na escola.

O quarto bloco da análise traz perguntas sobre como a pandemia da COVID-19 impactou a vida financeira dos respondentes, se alterou a forma em que fazem compras, se tiveram mais interesse sobre educação financeira durante a pandemia, e se conseguiram se organizar bem financeiramente durante esse período.

Sobre a pandemia da COVID-19 ter mudado a forma que os respondentes cuidam das finanças, é visto no gráfico 43 que 32,4% da amostra diz que houve muitas alterações, e 17,6% diz que a forma em que eles fazem compras alterou totalmente durante da pandemia. É importante ressaltar que 11,8% da amostra diz que houve pouquíssimas alterações e também 11,8% diz que não houve alteração nenhuma.

Foi possível observar que 42,9% da amostra diz que houve pouquíssimas alterações na forma em que eles cuidam de suas finanças, e 8,6% diz que não houve mudança alguma, é visto que 17,1% da amostra diz que houve grandes mudanças e 8,6% diz que a pandemia da COVID-19 alterou totalmente a forma em que cuidam de suas finanças. É interessante fazer um paralelo com os resultados obtidos na pergunta 2, visto que a maior parte dos respondentes da escola pública não organiza ou organiza pouquíssimo suas finanças pessoais.

Pode-se observar no pergunta 45 que é referente a forma que a pandemia da COVID-19 impactou na frequência de compras dos respondentes, 35,3% da amostra diz que realizou menos compras, e 17,6% diz que manteve a mesma frequência de compras, porém, o ponto interessante nesse gráfico é que 47,1% da amostra diz que durante a pandemia realizou mais compras, esse resultado pode estar ligado ao fato de que o *e-commerce* se popularizou muito durante a pandemia, por conta do atendimento presencial ter sido reduzido, com isso as pessoas recebem muito mais anúncios e acabam realizando mais compras do que fariam normalmente.

Já na pergunta 46, é visto que os respondentes da escola pública, em sua maioria, 74,3%, durante a pandemia reduziram o número de compras que faziam normalmente, e somente 25,7% da amostra diz que realizou mais compras do que faziam anteriormente. Também é interessante citar que, diferente dos resultados obtidos no gráfico 45, pode-se observar pelo gráfico 46 que nenhum respondente da escola pública manteve a mesma frequência de compras de antes da pandemia.

A entrevistada E2 quando questionada sobre como a pandemia e o ensino remoto afetou suas aulas diz que:

“[...] tem muita gente aqui no ensino médio que ta sem celular, ta sem internet, situação financeira do país não ta colaborando, os governos não... não investiram nessa questão pra que as aulas acontecessem né? Oferecer internet pra população, recursos, não tem! [...]” (relato da entrevistada E2)

O resultado visto na pergunta 46, de que a maior parte dos respondentes da escola pública realizaram menos compras durante a pandemia pode refletir a questão social dos alunos, que em sua grande parte são de classe popular, o relato acima da entrevistada E2 pode explicar outro motivo para os respondentes não terem realizado mais compras, pois muitos não possuem celular e internet, o que faz com que o *e-commerce* fique de difícil acesso para eles.

Na pergunta, é visto que 29,4% da amostra diz que estudar Educação Financeira na escola privada ajudou de maneira mediana no controle de renda durante a pandemia da COVID-19, ainda segundo o gráfico, é possível observar que os resultados ficaram bem variados, com 23,5% dos respondentes dizendo que estudar educação financeira na escola ajudou muito, e 20,6% da amostra dizendo que estudar o tema na escola ajudou bem pouco no controle de renda durante a pandemia.

Na pergunta, pode-se observar que grande parte dos respondentes, 45,7%, diz que conseguiu se organizar de forma mediana durante a pandemia, e 22,9% dos respondentes disseram que conseguiram se organizar bem pouco. É interessante ressaltar que 22,9% da amostra respondeu que conseguiu se organizar muito durante a pandemia e 8,6%, a menor parte, respondeu que conseguiu organizar suas finanças completamente durante a pandemia.

As perguntas 47 e 48 podem ser relacionados, pois no gráfico 47 é visto que muitos respondentes disseram que estudar educação financeira na escola ajudou pouco ou não ajudou a controlar sua renda durante a pandemia, e isso se relaciona com o gráfico 48 pois os alunos de escola pública não estudaram educação financeira na escola e, como visto no gráfico, nenhum dos respondentes não conseguiu controlar sua renda durante a pandemia. Então, mesmo sem possuir muito conhecimento sobre educação financeira, os respondentes da pergunta 48 em sua maioria conseguiram organizar sua renda ao menos de maneira mediana durante a pandemia.

De acordo com os resultados obtidos na pergunta 49, é visto uma grande divisão entre as respostas, com 26,5% da amostra dizendo que tiveram muito interesse em estudar sobre finanças pessoais durante a pandemia, por outro lado é visto que 29,4% da amostra dizendo que tiveram muito pouco interesse em estudar o tema, e ainda segundo a pergunta 49, é possível observar que 17,6% da amostra não teve interesse algum. O relato do entrevistado E1 quando questionado sobre o interesse dos alunos nos temas abordados na disciplina diz que:

“[...] assim, grande maioria das aulas tem engajamento muito bom assim, só que nem tudo são flores, por ser uma matéria que é mais fácil né? Uma matéria que envolve projeto, envolve trabalho, não é aquela matéria que o aluno vai passar mal pra estudar pra passar de ano, normalmente quando vai chegando aquela fase mais aguda da etapa, os alunos tão preocupados mais com as outras matérias, então assim, o cara ta ali minha aula pra não tomar falta mas ele ta preocupado é com a prova de biologia, com a prova de matemática [...] (relato do entrevistado E1)

Na pergunta 50, é possível observar que grande parte dos respondentes, 42,9% tiveram bem pouco interesse em estudar finanças pessoais durante a pandemia da COVID-19, mas é interessante citar que 14,3% dos respondentes tiveram um grande interesse em estudar finanças pessoais e 22,9% da amostra teve um enorme interesse em estudar sobre finanças pessoais durante a pandemia. Porém, os resultados encontrados no gráfico 50 podem ser conflitantes com os resultados obtidos no gráfico 30 – Sobre a inclusão de uma disciplina de Educação Financeira na escola pública, onde é visto que a grande maioria dos respondentes acham que deveria ser incluída uma disciplina de Educação Financeira na grade curricular da escola pública, porém como visto no gráfico 50, a grande parte dos respondentes teve muito pouco interesse ou não teve nenhum interesse em estudar sobre o tema durante a pandemia.

Quando questionada sobre o interesse dos alunos do ensino médio e as mudanças de grade curricular a entrevistada E2 relata que:

“Na verdade existe uma preocupação também, assim né, porque o ensino médio ele tem muito abandono, o que se argumenta é que o ensino médio ta muito, é... nada interessante para os alunos, eles acham que se o aluno escolher vai ficar mais interessante, mas a questão num é essa, e assim, pelo visto, eles querem assim, colocar umas mudanças pros alunos estudarem o dia inteiro, e assim... o nosso aluno pobre, de periferia, ele não quer estudar o dia inteiro, ele quer trabalhar meio horário porque de tarde ele tem que ir ali vender uma água no sinal pra comer no outro dia, se não tiver uma remuneração pro aluno estudar eles não vão querer ficar na escola o dia inteiro, vai aumentar a evasão [...]” (relato da entrevistada E2)

Com base nos dados obtidos, o ensino médio pode estar desinteressante para os alunos, e que as novas mudanças, incluindo a abordagem de educação financeira, dependendo da forma que for aplicada pode amplificar esse desinteresse, aumentando ainda mais a evasão durante o ensino médio na escola pública.

O quinto bloco traz perguntas sobre as finanças na vida dos respondentes após se formarem. Pode-se observar um ponto muito interessante na pergunta 51, em que a grande maioria dos respondentes, 73,5%, tem muito interesse em continuar utilizando conteúdo aprendido durante a disciplina de Educação Financeira após se formar, é um ponto muito relevante, que mostra como a disciplina contribui positivamente para a vida financeira dos alunos antes e após se formarem, além disso, esse resultado mostra que os alunos veem muita

importância e valor nos temas abordados na disciplina. O relato do entrevistado E1 ao ser questionado sobre o interesse que os alunos tem pela matéria diz que:

“Educação Financeira cara, é um assunto que desperta mais interesse na turma em média, é... então algumas aulas são muito boas, acontece bastante engajamentos, especialmente que eu tento fazer né? Nem sempre eu sou bem sucedido nisso, e claro, mas eu tô sempre tentando trazer assuntos da atualidade, até pra falar de temas... vou ensinar pra eles o que é inflação, aí vou lá e tento pegar o Gil do Vigor falando de inflação no Big Brother, vou falar assim do cartão de crédito, aí eu pego um vídeo lá da Nath Finanças falando do... cartão de crédito ou enfim uma reportagem, é... é... vou falar sobre investimentos aí eu pego lá o Primo Rico, são figuras que estão na mídia, que eles conhecem, então... eu to o tempo todo tentando trazer mais pra perto do dia a dia deles e, assim, grande maioria das aulas tem engajamento muito bom [...]” (relato do entrevistado E1)

Na pergunta 52, assim na 51, pode-se observar um resultado que mostra que os alunos de escola pública também têm interesse nesse tema, porém não de maneira tão forte como os da escola privada. É possível observar que 40% dos respondentes pretendem utilizar conteúdo de Educação Financeira após se formar e 37,1% dos respondentes também tem grandes pretensões de utilizar o conteúdo.

Pode-se observar que 41,2% dos respondentes tem interesse em continuar estudando sobre educação financeira após se formarem, e 29,4% da amostra também demonstra um interesse elevado em continuar estudando sobre o tema, esse resultado condiz com os resultados obtidos no gráfico 51, onde grande parte dos respondentes pretende utilizar conteúdo da disciplina após se formar, porém, como visto no gráfico 53, não existe uma unanimidade, pois 14,7% dos respondentes não têm interesse em continuar estudando sobre o tema após se formar.

Constatou-se que 45,7% dos respondentes tem um grande interesse em estudar sobre o tema após se formar, e 22,9% dos respondentes possui interesse total. Além disso, é interessante ressaltar que nenhum respondente da escola pública não tem interesse em estudar sobre educação financeira após se formar, o que reforça o interesse dos alunos pela disciplina, como pode ser observado no resultado da pergunta 30, sobre a inclusão de uma disciplina de educação financeira na grade curricular da escola pública.

O sexto bloco da análise traz perguntas relacionadas as informações sobre o respondente, como onde receberam ou buscaram informações sobre educação financeira, onde tiveram o primeiro contato com o tema, se guardam parte de seu salário ou mesada, entre outras perguntas.

Sobre onde os respondentes receberam ou buscaram informações sobre educação financeira, é possível observar na pergunta 55 que a escola é lugar onde mais respondentes tiveram acesso a informações sobre o tema, com 82,4%, em seguida são vistos os que receberam informações em casa, com 67,6%. É válido ressaltar que 55,9% dos respondentes disseram que receberam e buscaram informações nas redes sociais. O entrevistado E1, ao ser questionado sobre o interesse dos alunos na disciplina de educação financeira, relatou sobre seu formato de aula, que traz conteúdo de influenciadores das redes sociais para a sala de aula:

“[...] eu tô sempre tentando trazer assuntos da atualidade, até pra falar de temas... vou ensinar pra eles o que é inflação, aí vou lá e tento pegar o Gil do Vigor falando de inflação no Big Brother, vou falar assim do cartão de crédito, aí eu pego um vídeo lá da Nath Finanças falando do... cartão de crédito ou enfim uma reportagem, é... é... vou falar sobre investimentos aí eu pego lá o Primo Rico, são figuras que estão na mídia, que eles conhecem [...]” (relato do entrevistado E2)

Na pergunta 56, é visto que o maior local de busca de informações sobre educação financeira dos respondentes é nas redes sociais, com 42,9% dos respondentes, porém, os pontos mais interessantes na pergunta 56 são de que 0% dos respondentes disseram que receberam ou buscaram informações sobre educação financeira na escola, o que reforça o resultado do gráfico 28, onde os resultados indicam que os temas de finanças são bem pouco abordados na escola pública.

Além disso, também é interessante citar que 34,3% dos respondentes disseram que nunca receberam informações sobre organização de renda, um ponto que no gráfico 55 não foi marcado por nenhum respondente. Portanto, há uma enorme diferença visto que uma parcela significativa dos respondentes recebeu ou buscou informações sobre educação financeira na escola privada, enquanto nenhum respondente buscou ou recebeu informações sobre o tema na escola pública.

Constatou-se que 44,1% dos respondentes tiveram o primeiro contato com educação financeira na escola, o que vai de encontro com o relato do entrevistado E1 que diz que vários alunos chegam na primeira aula de Educação Financeira totalmente alheios ao assunto, sem

conhecer nada sobre o tema, outro ponto visto no gráfico 57 é que 11,8% dos respondentes tiveram o primeiro contato na internet.

Um ponto muito interessante visto nesse gráfico é que 44,1% dos respondentes tiveram o primeiro contato com a Educação Financeira com seus pais, o que vai de encontro com os resultados obtidos no gráfico 55, e também é dito por Melo (2011 apud Carraro; Merola, 2018), que diz que o ideal é que a educação financeira se inicie em casa com os pais, independentemente de sua condição financeira, para que as crianças não virem adultos sem controle de renda.

Foi possível observar que 22,9% dos respondentes tiveram o primeiro contato com educação financeira com seus pais, além disso, 42,9% responderam que tiveram o primeiro contato pela *internet*, o que mostra que os materiais *online* sobre Educação Financeira estão chegando nos jovens que não possuem conhecimento sobre o tema e estão tendo ali o seu primeiro contato. Porém, outra pergunta mostra que 34,3% dos respondentes nunca tiveram contato com educação financeira, algo que os diferencia dos respondentes do gráfico 57, onde todos os respondentes já tiveram o primeiro contato. Esse resultado do gráfico 58 também vai de encontro com o resultado na pergunta 56, na qual os mesmos 34,3% também disseram que nunca receberam informação sobre organização de renda.

Pôde-se observar que, 41,2% dos respondentes de escola privada que trabalham não guardam parte de seus salários mensalmente, o que é interessante pois são respondentes que estudam educação financeira no ensino médio, ainda segundo o gráfico, é visto que 29,4% dos respondentes guardam parte de seu salário com uma frequência elevada e 17,6% sempre guarda parte de seu salário mensalmente. Esse resultado é interessante, pois vai de encontro com os resultados obtidos na pergunta 1, na qual foi possível observar que também há uma grande variação de respostas sobre se organizar financeiramente no dia a dia.

Foi obtido um maior número de respondentes que guarda parte de seu salário mensalmente com uma frequência média, sendo 44% dos respondentes, além disso, 40% dos respondentes guardam com frequência baixa e 12% nunca guardam parte de seus salários mensalmente.

Observando as perguntas 59 e 60, é visto que há uma grande diferença em relação aos respondentes que guardam parte de seu salário com maior frequência, pode-se observar no gráfico 60 que apenas 4% da amostra da escola pública guarda com uma frequência elevada, e em comparação a isso, é visto no gráfico 59 que 47% da amostra da escola privada guarda parte de

seu salário sempre ou em uma grande frequência. Isso pode se dar pelo fato de que os respondentes de escola privada estudam educação financeira na escola e os alunos de escola pública estudam muito pouco ou não estudam o tema, mas também deve ser levado em consideração o fator social dos alunos de escola pública.

A entrevistada E2 ao ser questionada sobre o futuro da educação financeira na escola pública, falou sobre as mudanças previstas para o ensino médio e destacou a dificuldade dos alunos em estudar por mais períodos na escola, por conta do fator socioeconômico:

“[...] se não tiver uma remuneração pro aluno estudar eles não vão querer ficar na escola o dia inteiro, vai aumentar a evasão, não adianta querer prender o aluno na escola o dia inteiro se não remunerar ele, porque o nosso aluno num outro período ele tá em uma correria já pra ganhar dinheiro pra ajudar em casa, ainda mais na situação que país vive [...]”  
(relato da entrevistada E2)

Por mais que não estudar educação financeira na escola possa afetar na forma em que os alunos de escola pública organizam e poupam seu dinheiro, o fator social também é um ponto importante e não deve ser deixado de fora da análise.

Pode-se observar que 41,4% dos respondentes sempre guardam mensalmente uma parte da mesada que recebem, além disso, 27,6% guardam com uma frequência elevada, ainda segundo o gráfico, é mostrado que a porcentagem de respondentes que guardam com pouca ou nenhuma frequência é pequena, somando 17,2% dos respondentes.

Observou-se um resultado mais expressivo quando comparado ao gráfico 61 relacionado a respondentes que guardam parte de sua mesada com pouca ou nenhuma frequência. É visto na pergunta 62, que 52,9% dos respondentes guardam com baixa frequência e 5,9% nunca guarda. Um ponto que também foi citado na análise dos gráficos 59 e 60, mas se encaixa aqui é que esses resultados obtidos no gráfico 62 pode ter relação com o fato de não terem uma disciplina de educação financeira na grade curricular, mas também pode ter relação com o fator social dos respondentes.

Com base nos gráficos abordados na análise dos dados, foram levantados dados importantes sobre as diferenças entre alunos das duas escolas, foi possível observar que os alunos da escola privada organizam sua renda no dia a dia com mais frequência que os alunos da escola pública, além disso, relacionado ao primeiro contato com Educação Financeira, foi possível observar que todos alunos da escola privada já tiveram o primeiro contato com o tema, seja na

escola, com seus pais ou pela internet, já na escola pública, é visto que uma boa parte dos alunos ainda não teve seu primeiro contato com o tema, e dos que tiveram, nenhum teve esse primeiro contato na escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa é importante pois levanta dados sobre o impacto na administração de renda dos alunos que tem, e que não tem, disciplinas de educação financeira na escola, o tema é relevante pois ao levantar esses dados, a pesquisa traz informações sobre a importância, ou não da abordagem de educação financeira para os alunos participantes da pesquisa, além disso, a pesquisa traz dados sobre a administração de renda dos alunos que estudam e que não estudam o tema no ensino médio.

Pode-se dizer, observando os dados apresentados, que o objetivo geral da pesquisa de estudar quais as diferenças encontradas na administração de renda entre alunos do Ensino Médio da rede pública que não possuem essa disciplina na grade curricular e da rede privada, que possui, foi alcançado, existem grandes diferenças na administração de renda entre alunos do Ensino Médio da escola pública e da escola privada, os alunos da escola pública organizam sua renda no dia a dia com uma frequência inferior aos alunos da escola privada, isso pode ser correlacionado com o fato de que os alunos da escola pública veem muito pouco ou não veem temas sobre educação financeira durante o ensino médio.

Outro fator interessante encontrado na pesquisa é relacionado a realidade social do indivíduo, que impacta diretamente em sua vida escolar, pois muitos alunos de escola pública, por conta desse fator social, não conseguem estudar em outros períodos, pois estão trabalhando para conseguir uma renda para ajudar em casa, e isso também afeta na forma em que ele organiza e poupa seu dinheiro, então mesmo que eles não estudem educação financeira no ensino médio, esse não é um único fator que impacta em sua organização de renda.

Relacionado ao futuro da educação financeira, os alunos da escola pública e privada demonstram interesse em estudar educação financeira e utilizar conteúdos relacionados ao tema após se formarem, já os professores tem visões discordantes sobre o futuro da educação financeira nas escolas, com o professor da escola privada se sentindo otimista sobre a inclusão de disciplinas financeiras nas escolas públicas e o tema recebendo maior relevância cada vez mais, e a professora da escola pública ainda não imagina como será no futuro, mas tem uma visão um pouco pessimista por conta da forma que os conteúdos irão ser implementados na escola pública.

O estudo é relevante pois obteve dados sobre as diferenças na organização de renda entre alunos de escola privada que tem disciplinas de educação financeira durante o ensino médio, e alunos de escola pública que não tem disciplinas do tema em sua grade curricular, e com isso, foi possível observar os impactos que estudar, ou não, educação financeira no ensino médio trazem para a vida financeira dos alunos.

Após a realização da pesquisa, apareceram novas perguntas que podem ser temas de pesquisas para outros pesquisadores, como será a implementação da BNCC nas escolas públicas; como os professores de matemática estão lidando com a inclusão de temas financeiros mais aprofundados em suas aulas; além disso, a replicação desta pesquisa para mais escolas, a fim de se ter uma amostra maior para analisar os dados.

#### **AGRADECIMENTOS:**

Os autores agradecem o apoio da FAPEMIG, CAPES, CNPq e PUC Minas.

#### **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, J. P.; LUCENA, W. G. L. **Educação Financeira: Uma Análise de Grupos Acadêmicos.** Revista Economia e Gestão, v. 18, n. 49, p. 103-121, 2018.

AZEVEDO, C.; OLIVEIRA, L. G. L.; GONZALEZ, R.K.; ABDALLA, M. M. **A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo.** In: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e contabilidade, IV, 2013, Brasília. EnEPQ. Brasília, 2013.

BNCC. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: Educação é a Base**, v. Final, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 27 de maio de 2021.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.html)>. Acesso em: 22 abril de 2021.

BRUTES, L.; SEIBERT, R. M. **O ensino da Educação Financeira a jovens de escolas públicas de Santo Ângelo.** Vivências. Revista Eletrônica de Extensão das URI, v. 10, n.18, p. 174-184, maio/2014.

CANDIDO, J. G.; FERNANDES, A. H. S. **Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo.** Revista Eletrônica Gestão e Serviços, v. 5, n. 2, p. 894-913, 2014.

CARRARO, W. B. W. H.; MEROLA, A. **Percepções Adquiridas numa Capacitação em Educação Financeira para Adultos**. Revista Gestão e Planejamento, v. 19, n. 1, p. 414-435, 2018.

CARVALHO, L. A.; SCHOLZ, R. H. **'Se Vê o Básico do Básico, Quando a Turma Rende'**: Cenário da Educação Financeira no Cotidiano Escolar. Revista Brasileira de Gestão e Inovação, v. 6, n. 2, p. 102-125, 2019.

CERBASI, Gustavo. **A complexa educação financeira**. 2012. Disponível em: <<https://www.capecf.com.br/site/noticias/complexa-educacao-financeira/>> Acesso em: 22 de abril de 2021.

FERNANDES, Daniela. **Mais da metade dos alunos brasileiros não tem conhecimentos financeiros básicos, diz OCDE**. BBC Brasil, Paris. 31/mai/2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40081292>> Acesso em: 24 abr. 2021.

FIORI, D. D.; MAFRA, R. Z.; FERNANDES, T. A.; BARBOSA FILHO, J.; NASCIMENTO, L. R. C. **O efeito da educação financeira sobre a relação entre adimplência e trabalhadores na cidade de Manaus**. Sinergia, v. 21, n. 2, p. 31-45, 2017.

GIL, A. C. (1999). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Editora Atlas: São Paulo.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

Jacoby, K.; Chiarello, A. P. R. **EDUCAÇÃO FINANCEIRA E AS MÍDIAS SOCIAIS**. Revista Científica TECNOLÓGICA. v.4, n. 1 (2016)

Júnior, H. R., e Schimiguel, J. (2009). **Educação matemática financeira: conhecimentos financeiros para a cidadania e inclusão**. InterSciencePlace. Revista Científica Internacional. Ano 2 – Nº 09 - Setembro/Outubro – 2009.

Krüger, F. (2014). **Avaliação da educação financeira no orçamento familiar**. Trabalhos de conclusão de curso (Tecnólogo em Processos Gerenciais) - Faculdade de Tecnologia Pedro Rogério Garcia – FATTEP, Concórdia, SC, Brasil.

LEITE, Maria Ruth Siffert Diniz Teixeira. **A interação entre as instituições públicas de ensino fundamental e a diversidade socioeconômica e cultural das crianças**. 2001. 200 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2001.

LEITE, M. R. S. D. T.; DUARTE, V. C. **A gestão da escola pública de ensino fundamental e a diversidade socioeconômica e cultural das crianças**. Revista Gestão e Tecnologia, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2003.

MARTINS, A. F. H.; ROQUE, D. M.; LIMA, A. A. F. C.; FERREIRA, M. A. M. **Variáveis Demográficas e o Comportamento do Consumidor de Água**: Estudo de uma População Universitária. Reunir: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade, v. 8, n. 1, p. 56-72, 2018.

MAGRO, C. B. D.; GORLA, M. C.; SILVA, T. P.; HEIN, N. **O efeito da família no comportamento financeiro de adolescentes em escolas públicas.** Revista de Contabilidade e Organizações (2018), v.12: e142524

MASCARENHAS, A. B.; PERPÉTUO, C. K.; BARROTE, E. B.; PERIDES, M. P. **A Influência da Percepção de Riscos e Benefícios para Continuidade de Uso de Serviços Fintechs.** Brazilian Business Review, v. 18, n. 1, p. 1-21, 2021.

METTE, F. M. **B.A Educação Financeira como um Instrumento Estratégico para dar Sustentabilidade ao Crescimento Econômico Brasileiro.** International Journal of Business e Marketing, v. 1, n. 1, p. 44-44, 2016.

METTE, F. M. B.; MATOS, C. A. **Uma análise bibliométrica dos estudos em educação financeira no Brasil e no mundo.** Revista Interdisciplinar de Marketing, v. 5, n. 1, p. 46-63, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. GIL

MINELLA, J. M.; BERTOSSO, H.; PAULI, J.; CORTE, V. F. D. **A influência do materialismo, educação financeira e valor atribuído ao dinheiro na propensão ao endividamento de jovens.** Revista Gestão e Planejamento, Salvador, v. 18, p. 182-201, jan/dez. 2017

OLIVEIRA, F. M. **METODOLOGIA CIENTÍFICA:** um manual para a realização de pesquisas em administração. Universidade Federal de Goiás, 2011.

Oliveira, F. de P. M. de, Serafim Gadelha Campos, C., e Pereira, M. M. F. (2020). **COMBATE A POBREZA POR MEIO DE UMA JUSTIÇA DISTRIBUTIVA: IMPORTÂNCIA DO ACESSO À EDUCAÇÃO PARA A DISTRIBUIÇÃO EQUITATIVA DE OPORTUNIDADES.** *Revista Direitos Humanos E Democracia*, 8(16), 222–237.

RUSSIA'S G20 Presidency; OECD. **Advancing National Strategies for Financial Education:** A Joint Publication by Russia's G20 Presidency and the OECD. (2013). Disponível em: <[https://www.oecd.org/finance/financial-education/G20\\_OECD\\_NSFinancialEducation.pdf](https://www.oecd.org/finance/financial-education/G20_OECD_NSFinancialEducation.pdf)>. Acesso em: 28 de mai. de 2021.

SANTOS, M. J. D.; PAULA, C. P. A. **Gestão do conhecimento no contexto da gestão escolar: estudo de caso de uma escola pública.** Perspectivas em Gestão e Conhecimento, v. 2, n. Especial, p. 159-174, 2012.

SAVOIA, J R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. de A. **Paradigmas da educação financeira no Brasil.** *Revista de Administração Pública*, v.41, n. 6, p. 1121-41, 2007.

SIGNIFICADOS. **Significados**, 2017. Página inicial. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/socioeconomico/>>. Acesso em: 26 de mai. de 2021.

SILVA, J. G.; SILVA NETO, O. S.; ARAÚJO, R. C. C. **Educação Financeira de Servidores Públicos**: Hábitos de Consumo, Investimento e Percepção de Risco. Revista Evidenciação Contábil e Finanças, v. 5, n. 2, p. 104-120, 2017.

SILVA, G. O.; SILVA, A. C. M.; VIEIRA, P. R. C.; DESIDERATI, M. C.; NEVES, M. B. E. D. **Alfabetização Financeira versus Educação Financeira**: Um Estudo do Comportamento de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade, v. 7, n. 3, p. 279-298, 2017.

SILVA, T. P.; MAGRO, C. B. D.; GORLA, M. C.; NAKAMURA, W. T. **Nível de educação financeira de estudantes do ensino médio e suas reflexões econômicas**. Revista da Administração 52 (2017) 285-303

SIQUEIRA, F.; DUARTE, I; **EDUCAÇÃO FINANCEIRA AINDA NÃO É REALIDADE NAS SALAS DE AULA BRASILEIRAS**. Estadão. 18/jul/2019. Disponível em: <<https://infograficos.estadao.com.br/focas/por-minha-conta/materia/educacao-financeira-ainda-nao-e-realidade-nas-salas-de-aula-brasileiras>> Acesso em: 24 abr. 2021.

SOUZA, D. P. de. **A importância da educação financeira infantil**. 2012. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Contábeis, Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, 2012.